

RELACIONAMENTO CONJUGAL NA CONTEMPORANEIDADE

SOUZA, BRUNA¹

ALVES, LUCYANE²

MACHADO, MARCELA³

BUENO, ROSE ANGELA⁴

RESUMO

Este trabalho tematiza a conjugalidade a partir de uma pesquisa bibliográfica acerca da influência do constructo de cada individualidade no relacionamento conjugal. Desta forma conduziu-se o trabalho com o propósito de compreender a identidade de cada membro de uma relação, bem como o modelo de união a partir do século XVIII até os dias atuais. Propõe-se aqui uma discussão sobre a função do casamento na sociedade e como os avanços tecnológicos influenciam o comportamento do sujeito em suas relações. Por fim, tal trabalho oportunizou reflexões e diálogos acerca da temática por meio do viés psicológico e como esta ciência pode contribuir para o relacionamento conjugal.

Palavras Chave: Individualidade, Relacionamento conjugal, Contemporaneidade.

RESUMEN

Este trabajo tematiza la conyugalidad de una investigación bibliográfica sobre la influencia de la construcción de cada individualidad en la relación matrimonial. De este modo se llevó a trabajar con el fin de entender la identidad de cada miembro de una relación, así como el modelo de la unión desde el siglo XVIII hasta nuestros días. Proponemos aquí una discusión del papel del matrimonio en la sociedad y cómo los avances tecnológicos influyen en la conducta del sujeto en sus relaciones. Por fin, tal trabajo oportunizó reflexiones y diálogos acerca de la temática por medio del sesgo psicológico y cómo esta ciencia puede contribuir a la relación conyugal.

Palabras Clave: Individuo, Relacionamiento matrimonial, Contemporaneidade.

¹ ACADÊMICA DO CURSO DE PSICOLOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE – UNIVAG. bruna.borsuk@hotmail.com.

² ACADÊMICA DO CURSO DE PSICOLOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE – UNIVAG. lucyanechristina@gmail.com.

³ ACADÊMICA DO CURSO DE PSICOLOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE - UNIVAG. marcelamachado13@gmail.com.

⁴ DOCENTE DO CURSO DE PSICOLOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE – UNIVAG. psicoangel_1@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O tema desse trabalho foi escolhido a partir das percepções de vida das autoras, bem como, a curiosidade de entender sobre a dificuldade de se relacionar mais vinculadamente, e buscar a compreensão da fluidez dos relacionamentos amorosos e a visão de mundo referente ao tema. O nosso tema, por exemplo, é bastante discutido em sala de aula, em mesa de bar, nos estacionamentos, ou corredores de shopping, entre outros lugares, surgiu o despertar e interesse de entender os relacionamentos desde os seus primórdios até os dias atuais.

Segundo Lemaire (1987) a psicologia, no relacionamento conjugal, tem como objetivo a promoção de qualidade de vida para os membros do casal, em consequência, na dinâmica conjugal, contribuindo na resolução de conflitos, ampliação do diálogo, respeitando a individualidade de cada um, bem como suas expectativas em relação à vida em geral.

O objetivo deste trabalho foi compreender a influência da individualidade na relação conjugal no mundo contemporâneo e discutir a função do casamento na sociedade. Deste modo, foi objetivado também propor reflexões sobre os modelos de amores (amor líquido e romântico) apresentados por Bauman (2004).

Vieira (2010) aponta que o amor romântico se deu início na cultura ocidental no final do séc. XVIII e a sua influência está presente até os dias atuais. Este tipo de amor refere-se a um amor que valoriza os desejos, sonhos, afetos e singularidade numa tentativa de retirar a influência de normas externas ao par amoroso.

Segundo Bauman (2004) em meio a um mundo continuamente globalizado procura apontar a razão pela qual as relações humanas estão continuamente mais flexíveis, resultando em sujeitos inseguros, uma vez que estes oferecem muito mais atenção aos relacionamentos em meio aos veículos de comunicação tecnológicos.

Bauman (2004) ainda diz que, dentre os avanços tecnológicos que influenciam muito o ser humano em suas relações e o amor líquido, afetando exatamente esta instabilidade dos laços humanos, e a velocidade com que são substituídos, o amor, criado pela sociedade atual (modernidade líquida) tende a proporcionar a não responsabilização nos relacionamentos duradouros, já que como nada permanece nesta sociedade, incluindo o amor, que não possui mais o mesmo sentido, tendo sido alterado

como algo vulnerável, totalmente diferente do seu verdadeiro conceito de resistência e permanência.

Neste contexto, a psicologia além do seu compromisso com a promoção da saúde emocional do casal, busca atuar em mudanças significativas nas políticas públicas, mudando o papel do que é ser homem e mulher, promovendo mudanças nas formas de se relacionar. Portanto, a psicoterapia seria um meio excepcional para o tratamento de sujeitos mal individualizados.

Sendo assim, esse trabalho pode oportunizar reflexões, diálogos, entendimento da sexualidade na família, a função social do casamento e a importância da individualidade. Deste modo, esse estudo foi orientado pela seguinte questão: qual a influência do individualismo na relação conjugal no mundo contemporâneo?

2. DESENVOLVIMENTO

Para poder entender melhor o tema realizou-se uma pesquisa bibliográfica através de artigos e livros que tratavam sobre o tema. Foram escolhidos onze artigos nos quais seis foram utilizados e os demais descartados, devido não se encaixarem com o objetivo do estudo.

Iniciamos destacando os relacionamentos na pós-modernidade e esclarecendo sobre o individualismo. Vieira e Stengel (2010) afirmam que nas sociedades modernas, o fator mais predominante é o individualismo.

Explicando melhor sobre tal afirmação, Vieira e Stengel (2010) citam Simmel (2005) que irá dizer sobre duas formas existentes de individualismo presentes na história da sociedade. O primeiro tipo de individualismo, ou a primeira revolução individualista, que surgiu em pleno século XVIII, quando ocorreu o clamor por liberdade e igualdade e a segunda revolução individualista deu-se início no século XIX, por influência do Romantismo, ocasionando a ideia de que os homens, agora libertos dos laços tradicionais, poderiam ser distinguidos uns dos outros. Portanto os indivíduos buscariam ser valorizados na sua singularidade, ou seja, queriam ser únicos e incomparáveis.

Segundo Vieira e Stengel (2010), o sujeito pós-moderno pode perder em uma desordem ou em uma nova ordem, na qual os interesses individuais tendem a exceder os interesses voltados ao bem-estar coletivo, portanto, cada um estaria voltado para a busca de sensações prazerosas a despeito da organização coletiva. Enquanto a responsabilidade na Modernidade refere-se a preocupações de âmbito coletivo, na Pós-

Modernidade os indivíduos se preocupam com o seu bem-estar individual, expondo certa diferença com as questões da sociedade.

Para Vieira (2010), o encargo da sociedade moderna será a preocupação do campo coletivo, uma vez que na pós-modernidade as pessoas preocupam-se com seu bem-estar individual. Portanto, traz um sentido narcísico⁵, já que as pessoas se preocupam com a sua qualidade de vida sendo este então, o agente da própria vida. Logo, a liberdade individual é valorizada apresentando várias opções de escolhas consideradas livres. Contudo, a liberdade requer um esforço e um investimento muito grande, que nem sempre alguns estão dispostos ou são capazes de fazer.

Desta forma, podemos refletir sobre estes aspectos que são evidentes de uma sociedade pós-moderna totalmente narcísica, melhor dizendo, individualista, assim, entendemos que, no âmbito pós-modernidade, a mesma é colocada como a era da cultura do narcisismo, podendo ser definida como uma sociedade formada por pessoas extremamente preocupadas consigo mesma. Logo, o indivíduo se responsabiliza pelo seu próprio bem estar, por construir o seu o projeto de vida, e por satisfazer suas próprias necessidades.

Para Vieira (2010) os sujeitos da era pós-moderna são atravessados por inúmeras dúvidas e contradições. Não desejam permanecer somente com um único parceiro, porque assim estariam perdendo outras oportunidades, entretanto valorizam ainda a fidelidade como um ideal. De qualquer maneira, manifestar-se como um desafio, percebermos a permanência do amor romântico e o que a sociedade dessa era pós-moderna traz de rupturas com relação a este ideal.

Para Feres Carneiro (1998), o casal moderno é confrontado todo o momento, por duas forças que são chamadas de paradoxais "o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade". Os ideais, particulares de cada pessoa estimula a autonomia do cônjuge, que enfatiza o casal a sustentar o crescimento e desenvolvimento do matrimônio, por outro lado percebe-se a necessidade de vivenciar essa experiência a dois. Esta experiência torna-se complexa, visto que, os valores individuais sofrem grandes influências na relação do casal, enfatizando a autonomia e a satisfação de cada um. Consequente a isso, enfraquece os laços de dependência entre eles e para construir

⁵ Segundo Roudinesco e Plon (1998), a palavra narcisismo surgiu pela primeira vez em 1887, pelo psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911), para descrever uma forma de fetichismo que consiste em se tomar a própria pessoa como objeto sexual. Ainda segundo os autores tal palavra foi citada por Freud em 1910 *aos três ensaios sobre a teoria da sexualidade* falando sobre os "invertidos", termo utilizado por ele para definir os homossexuais, escreveu que os mesmos "tomam a si mesmos como objetos sexuais".

um casal requer justamente uma zona de interação, resultando então numa identidade conjugal.

Assim, Feres Carneiro (1998), diz como ser dois em um e sobre a dificuldade do manejo de duas individualidades dentro de um relacionamento/casamento, conseqüentemente um casal com dois indivíduos, dois desejos, duas percepções de mundo, histórias diferentes, dois projetos numa relação amorosa.

Para explicar sobre a importância do casamento para a sociedade moderna, Feres e Carneiro (1998) citam Foucault (1977) e destaca que, o mesmo estuda a constituição do modelo burguês de casamento. No princípio a sexualidade estava relacionada ao poder, sendo assim, a sexualidade fez parte de um poder centrado na aliança, que ficou estabelecido todo o sistema de casamento como: fixação e desenvolvimento de parentescos, transmissão de nomes e bens, entre outros. Em seguida, a aliança ordenada e mantinha a homeostase⁶ do corpo social, a sexualidade não é mais referida á lei, mas sim ao corpo. Os prazeres e a sexualidade dentro da família, em contexto no qual os pais são os principais agentes do dispositivo passam todo o sistema da aliança para a sexualidade.

Araújo (2002) fala que o desenvolvimento do capitalismo e o modelo de casamento malthusiano⁷ se espalharam pelo mundo todo, este sofreu as adaptações necessárias às diferentes culturas e níveis de desenvolvimento econômico. Atualmente, muitas das suas características são encontradas nos casamentos ditos modernos, como a relação igualitária entre os parceiros, a valorização do companheirismo e da amizade na relação conjugal e a não obrigatoriedade de procriação.

A evolução do casamento na sociedade surgiu desde o século XVIII até a atualidade. Seu significado foi se modificando conforme os anos, em que no século passado era visto como contrato familiar e desde então, foi se transformando até chegar à era moderna com grande magnitude afetiva.

⁶ De acordo com Tortora e Grabowski (2002) a Homeostase é a condição de relativa estabilidade da qual o organismo necessita para realizar suas funções adequadamente para o equilíbrio do corpo. Homeostasis: palavra de origem grega, cujo significado já define muito bem o que vem a ser: homeo- = semelhança; -stasis = ação de pôr em, estabilidade. Os responsáveis pelo controle da homeostase são o sistema nervoso e as glândulas endócrinas. ~~Por exemplo, a insulina (que é um hormônio) age na redução dos níveis de glicose, quando ele está muito alto. Outro exemplo: No caso de aumento de temperatura do corpo, as glândulas sudoríparas são levadas a liberar mais suor; pois recebem o comando dos impulsos nervosos; dessa forma, o corpo é esfriado.~~

⁷ Araújo (2002) citando Mcfarlane (1990) refere-se ao casamento malthusiano o tipo de união conjugal que tem como objetivos básicos, o afeto, a amizade e o companheirismo entre os cônjuges e a procriação não é o intuito principal do casamento.

No amor romântico foi estabelecida a interdependência entre a sexualidade e o amor, ambos são essenciais para uma relação. Este tipo de relacionamento não se dava aos casais formados por decisões familiares na antiguidade que visavam à convivência, mas pela livre escolha dos parceiros, escolhas estas que baseava no compartilhamento do amor e desejo sexual.

Nesse modelo a procriação não se mostra como objetivo principal do casamento, mas sim, para dar impulso ao desenvolvimento econômico, sendo assim, podemos dizer que, o matrimônio passou a ser como um arranjo financeiro e passou a ser valorizado como encontro de “duas metades que se completam”. Contudo, percebe-se que na pós-modernidade o amor, que possui aspectos como a eternidade da relação e a fidelidade dos parceiros, já não se revestem de grande importância, por um lado declarar eternidade é visto como um decreto de prisão e por outro lado, a ideia de fidelidade é cada vez menos praticada pelos parceiros, mas ainda permanece como um ideal.

Para Vieira (2010), o anseio por liberdade na pós-modernidade vem acompanhado por uma necessidade de segurança, o relacionamento do amor líquido, por exemplo, leva em consideração o convite pela liberdade. Diante de um mundo tão acelerado atualmente e difícil de interpretar, posteriormente de agir sobre ele, os sujeitos dessa era desejam âncoras como uma relação amorosa, mas quando se aprofundam ressentem das outras possibilidades perdidas, de uma prisão propriamente dita na rotina do relacionamento conjugal.

Para Anton (2012) pensando na relação entre duas pessoas e uma relação duradoura, em que há envolvimento, comprometimento um com o outro, em que ambos se desejam, se amparam, se respeitam e se nutrem, tem tudo para que a individualidade se manifeste, em convivência como um “nós” sincero e forte. Ainda de acordo com o autor, é verdade quando se diz que os opostos se atraem, pois eles procuram inconscientemente o equilíbrio ou a realização por interdependência. Ainda assim, os opostos tornam a relação intensa e desgastante, quando um passa a refugar o que, para o outro é motivo de felicidade, uma integridade de ressentimentos, que faz com que eles se afastem, visto isso, por mais que os opostos se atraiam, são as afinidades que consolidam o elo.

O resultado é complexo sobre quando nos questionamos se há possibilidade de escolha com relação ao parceiro ideal, visto que, envolve uma diversidade de influências, sejam elas, culturais, familiares e por razões mais profundas, em que grande parte se desenvolve no inconsciente. Segundo Anton (2012) O importante, é o

aprendizado contínuo, considerando que o outro tem sua própria história e peculiaridade, é necessário ser capaz de, juntamente, fazer os pactos necessários, sem sacrificar a individualidade, é algo que tem tudo a ver com saúde mental, maturidade emocional, autoestima e amor pelo parceiro.

Segundo Bauman (2004), atualmente o amor não é mais visto como uma forma de demonstrar carinho e tampouco construir uma família, mas sim vemos o amor como uma forma de ganhar o próximo, como por exemplo, noites avulsas de sexo são chamadas de fazer amor. A frase “eu te amo” se torna fútil pelo fato da mesma ser rotulada de tal forma em que as pessoas não sabem o seu valor. E sequer sabem o que sentem.

Sendo assim, Bauman (2004) afirma que estamos lidando com uma sociedade tão desprezada de "humanidade", de amor ao próximo antes de a si mesmo, uma sociedade individualista que nos faz enxergar que o mundo de hoje está mais "frio" e que no decorrer dos anos tende a piorar. O autor ainda traz uma reflexão sobre como a tecnologia está nos afetando de tal forma que estamos deixando de lado as coisas boas e simples da vida. A tecnologia aumenta e todos os objetos como, os automóveis, computadores ou telefones celulares são trocados como um monte de lixo. Deste modo, podemos assim fazer uma comparação sobre os relacionamentos, não gostou, troca.

Deste modo resulta a nossa cultura, da representação construída pela mídia, das obras literárias clássicas e da história popular, homens e mulheres transmitem diferentes lendas a respeito do casamento. Tendo como exemplo, as meninas de hoje, são tão encantadas quanto as suas avós pelas histórias da Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida, entre outros, em que o príncipe salva a princesa, e vivem felizes para sempre em seu castelo.

Para Anton (2012), desejamos um parceiro para ser acolhido e para sentir que pertencemos a alguém, pois desde sempre o homem vive em grupos, se relaciona, às vezes, por sobrevivência ou por compartilhar deveres ou por diversão. A individualidade e o isolamento são experimentos de uma vasta quantia emocional, que para algumas pessoas, validam sentimentos de exclusão e rejeição. Nesta situação, o indivíduo que é só, não tem com quem dividir os momentos bons e ruins, ou recorrer quando precisa de ajuda, mesmo convivendo com muitas pessoas, mas não é importante para nenhuma delas.

Andolfi (2002) afirma que, no momento em que as nossas preferências e os modelos conjugais se modificam drasticamente, os nossos padrões de um casamento

saudável e satisfatório idealizado já são antiquados e não se adaptam mais a vida da maioria dos casais.

Deste modo, entendemos que tais capacidades necessitam ter proximidades e ações em conjunto, utilizando-se de estratégias adequadas para a busca de resolução de problemas, por exemplo, sair da rotina procurando atividades que possam beneficiar de algum modo harmonicamente o casal (cinema, teatro, viagens, entre outros), boa habilidade de comunicação, satisfação econômica e religiosa.

De acordo com Anton (2012) é a partir da figura do “outro” que temos referência de nossa compreensão lógica e organizada de si mesmo. Por sua vez, existem muitas relações infelizes, que não se finalizam porque os envolvidos não se sentem capacitados de estabelecer laços mais harmônicos com outras pessoas e optam por estar mal acompanhados a ficarem sozinhos. Entretanto, viver só equivale um momento de serenidade, de restauração pela intimidade em sua própria companhia, uma volta ao seu mundo interno, que por sua vez, é uma viagem de ida e de volta, pois a sua volta está garantida pelos elos criados a partir das relações significativas. Ou seja, a coexistência entre as pessoas aduz à descoberta, e a prosperidade da individualidade, sendo requisito de saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos mulheres, independentes, acadêmicas de psicologia, futuras profissionais e acreditamos no relacionamento conjugal saudável, em que se possui o livre arbítrio e respeito, em meio a todos os modelos de relacionamento conjugal na contemporaneidade. Pudemos apropriar por meio deste estudo que o relacionamento está intrínseco na vida do homem desde a sua existência, na família, nas instituições e na vida, seja ele amoroso e/ou afetivo, entre outros.

A evolução da história do casamento nos seus primórdios era tratada como um acordo financeiro entre famílias capitalistas e hoje são questões que vão muito, além disso, priorizando a escolha do cônjuge, o amor, o prazer, a liberdade e respeito de ambas as partes na relação conjugal.

Compreende-se ainda que a cultura, a mídia e até mesmo a história de vida do sujeito são fatores influenciáveis na relação a dois, cria-se então, a existência de uma idealização em que se esperam diante de um vínculo afetivo que haja uma cumplicidade mútua de ambas as partes envolvidas.

Para Comin e Santos (2010) por meio de uma análise podemos levar em consideração que o desenvolvimento humano é de natureza cultural, deste modo o objetivo deste artigo é articular a relação conjugal abordando a junção entre indivíduo e o casal que permite vivenciar a experiência a dois, resultando na configuração de uma identidade conjugal em permanente mudança.

Diante disso, compreendemos que a psicologia tem importante papel dentro deste contexto, Lemaire (1987) aponta que nem sempre há demanda para terapia de casal, pois são questionamentos pessoais e individuais que os cercam, mas o que poucas pessoas sabem é que o caminho para terapia de casal pode desencadear tratamento para pessoas pouco individualizadas. Portanto, Neuburger (1988) enfatiza a necessidade de entender a especificidade da demanda, entre os quais se configura o sofrimento, o sintoma e a queixa referentes ao casal, os sintomas conjugais.

Bauman (2004) aponta que os problemas são vivenciados pelos indivíduos e sua materialidade é caracterizada pelo especialista que define que problemas existem e que soluções devem ser executadas. Para que um problema exista “eles precisam de um mapeamento socialmente subscrito do mundo vivenciado que estabelecem como ‘problemas’ que demandam “soluções””.

O terapeuta pode levar exemplos de situações de estresse, contextualização de situações problemas, fornecimento sobre outros casais que estão com dificuldades semelhantes, promovendo possibilidades de expandir o repertório de comportamento no tratamento do casal. Assim o terapeuta pode auxiliar o casal a cada passagem de uma fase e/ou ciclo.

Sendo assim, entendemos que a finalidade da terapia é com a promoção de saúde emocional do casal, visto que, o comprometimento não deve partir apenas do terapeuta e sim de cada membro do casal, dentro do processo terapêutico. É relevante dizer que, o cônjuge precisa esforçar-se para fazer a sua parte, na medida do possível, agindo sempre com respeito, compreensão, paciência e flexibilidade.

Portanto concluímos que, o relacionamento conjugal está em uma constante mudança, não havendo um “script” para seguir, por ser uma construção que se dá através das relações existentes, preservando a subjetividade de cada indivíduo, bem como respeitando a sua história de vida dentro e fora da relação a dois.

Para finalizar, gostaríamos de citar um poema de Dolores Duran e enfatizar seu talento e especialmente a sua sensibilidade pela capacidade de amar e de sofrer,

descrevendo com beleza e emoção, amores saudáveis, amores alcóolicos, amores neuróticos – sádicos, masoquistas, deprimidos – amores perversos. Todos os amores.

Amar é sofrer

Tem gente que ama que vive brigando,
E depois que briga acaba voltando.
Tem gente que canta porque está amando,
Quem não tem amor leva a vida esperando,
Uns andam para a frente e nunca se esquecem,
Mas são tão pouquinhos que nem aparecem.
Tem uns que são fracos e dão pra beber,
Outros fazem samba e adoram sofrer.
Tem apaixonado que faz serenata,
Tem amor de raça e amor vira-lata.
Amor com champagne amor com cachaça,
Amor nos iates nos bancos de praça.
Tem homem que briga pela bem amada,
Tem mulher maluca que adora pancada.
Tem quem ama tanto que até enlouquece,
Tem quem dê a vida por quem não merece.
Amores à vista, amores a prazo,
Amor ciumento que só cria caso.
Tem gente que jura sabendo que não é capaz.
Tem gente que escreve até poesia
E rima saudade com hipocrisia.
Tem assunto à beça para a gente falar,
Mas não interessa o negócio é amar.

(Dolores Duran, 1959)

REFERÊNCIAS

ANDOLFI, Maurizio. **A crise do casal, uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2002. Disponível em <https://mail.google.com/mail/u/0/#search/rose/15b678ebb104f5b8?projector=1>. Acessado em: 10 Mai. 2017.

ANTON, Iara L. Camaratta. **A escolha do conjugue: um entendimento sistêmico e psicodinâmico**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2002, vol.22, n.2, pp.70-77. ISSN 1414-9893. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>. Acessado em: 29 Mai. 2016.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

COMIN, Fabio Scorsolini; Santos, Manoel Antônio. **Sustentabilidade dos afetos: Notas sobre a conjugalidade como dimensão de análise da família na contemporaneidade**¹. *American Psychological Association (APA)*, 5ª ed. Segundo pesquisa publicada pela Folha Online, em 05 de junho de 2009. Recuperada de < <http://www.designvirtual.com/?id=noticias&idn=1504>> em 21 de abril de 2010. Disponível em: <http://iduc.uc.pt/index.php/psicologica/article/view/1088/536>. Acessado em: 18 de Out. 2016.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998, vol.11, n.2, pp.379-394. ISSN 1678-7153. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>. Acessado em: 29 Mai. 2016.

LEMAIRE, J. (1987). **Thérapie de couple et post-modernité. Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille**, 95, 3-15.

NEUBURGER, R. (1988). **L'Irrationnel dans le Couple et la Famille**. Paris: ESF.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Disponível em: https://monoskop.org/images/c/c9/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf. Acessado em: 23 de Nov. 2016.

TORTORA, Gerald J.; Grabowski, Sandra Reynolds. **Princípios de anatomia e fisiologia**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. Disponível em: <http://www.todabiologia.com/anatomia/homeostase.htm><https://issuu.com/guanabarakoogan/docs/tortora-anatomia-fisiologia>. Acessado em: 24 de Nov. 2016.

VIEIRA, Érico Douglas e STENGEL, Márcia. **Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade**. Aletheia [online]. 2010, n.32, pp. 147-160. ISSN 1413-0394. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext
HYPERLINK ["http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012"](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012)
HYPERLINK ["http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012"](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012). Acessado em: 29 Mai. 2016.